

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E OS CIRCUITOS DE FLUXOS DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO-PB

¹ Rosalvo Nobre Carneiro

² Alcindo José de Sá

Resumo

A compreensão da produção do espaço de São Bento se deu e se dá contemporaneamente a partir de sua relação com a constituição e reconstituições espaço-temporais dos circuitos de fluxos socioespaciais de sua indústria têxtil cuja resultante e condição dessa interação foi a passagem de seu meio técnico para o meio técnico-científico-informacional ainda que incompleto.

Palavras-chaves: Produção do espaço, indústria têxtil, circuitos de fluxos, circuitos espaciais da produção e meios técnicos.

Abstract

The understanding of the production of the space in the municipality of São Bento, State of Paraíba, northeastern Brazil, is based on the constitution and (re)constitution of socio-spatial flows of its textile industry within a time-spatial framework. The resulting consequence of this scenery is the passing from a technical background to an incomplete techno-informational background.

Keywords: Production of space, textile industry, flow circuits, spatial circuits, technical milieu.

INTRODUÇÃO

O espaço e o meio técnico-científico-informacional, incompleto, de São Bento³ foram e estão sendo a resultante e a condição, interna, das solidariedades entre a sua produção⁴ e a constituição e reconstituição dos *circuitos de fluxos socioespaciais* da sua indústria têxtil⁵ e, externamente, das suas relações com os *circuitos de fluxos superior hegemônico* e *não-hegemônico nacional* bem como ao avanço do período técnico-científico-informacional.

Conceituar os *circuitos da economia urbana* (SANTOS, 1979) como de fluxos socioespaciais significa, segundo Carneiro (2006), unir os fluxos imateriais de toda ordem aos fluxos materiais de qualquer natureza que configuram o espaço e que são por este solicitado. Trata-se de trabalhar, de forma conjunta, os circuitos de fluxos, materiais e imateriais, que são produzidos e trocados pelos agentes sociais, empresas e instituições dentro dos circuitos espaciais da produção segundo as divisões do trabalho territorial.

Tem-se assim, para o caso de São Bento, os *circuitos de fluxos inferiores informal e formal*⁶ cujas ações se dão, respectivamente, no *circuito espacial da produção local* e

¹ Mestre em Geografia pela UFPE.

² Professor Adjunto do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.

³ Localizado na microrregião de Catolé do Rocha, sertão do Estado da Paraíba.

⁴ Cabe lembrar que ao falarmos em *espaço de São Bento* não o estamos situando aos seus limites territorial e político-administrativo, pois o espaço, não importa a escala, é sempre uma totalidade, envolvendo o *espaço da produção propriamente dita*, o *espaço da distribuição*, o *espaço da circulação* e o *espaço do consumo* (SANTOS, 1985).

⁵ Esta indústria se caracteriza pelo seu elevado grau de informalidades – 72 empresas formais (Prefeitura Municipal de São Bento, 2005) e 400 a 500 informais (Pesquisa de campo) – e por sua especialização produtiva, concentrada na fabricação de redes de dormir e mantas, embora haja uma importante produção de panos de prato, panos para chão, panos para limpeza, toalhas, tapetes, conjuntos para banheiro e para cozinha.

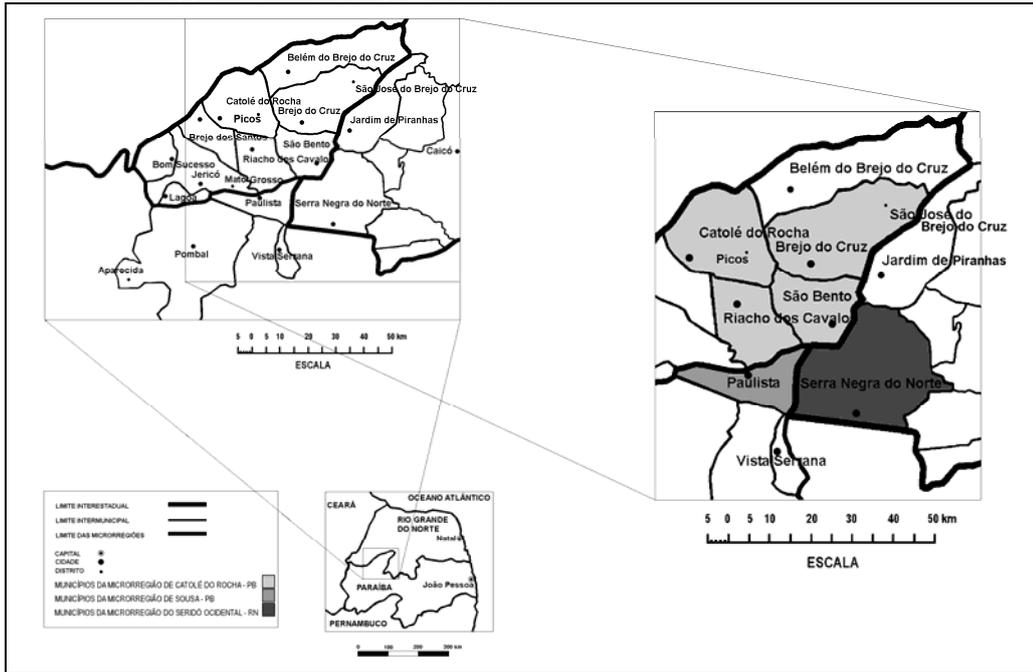
⁶ O circuito de fluxo inferior informal é composto por unidades de produção familiar, unidades de produção doméstica,

regional (MAPAS 01 e 02) e o *circuito de fluxos superior secundário*⁷ cujas ações, em função do porte e do tipo de empresa, atua ora no *circuito espacial da produção nacional* (MAPA 03) ora neste e no *circuito espacial da produção internacional* (MAPA 04).

em que a família emprega trabalho assalariado em alguma etapa produtiva e se ocupa das outras, e por micro empresas ao passo que o circuito de fluxo inferior formal é composto pelas empresas de pequeno e médio porte.

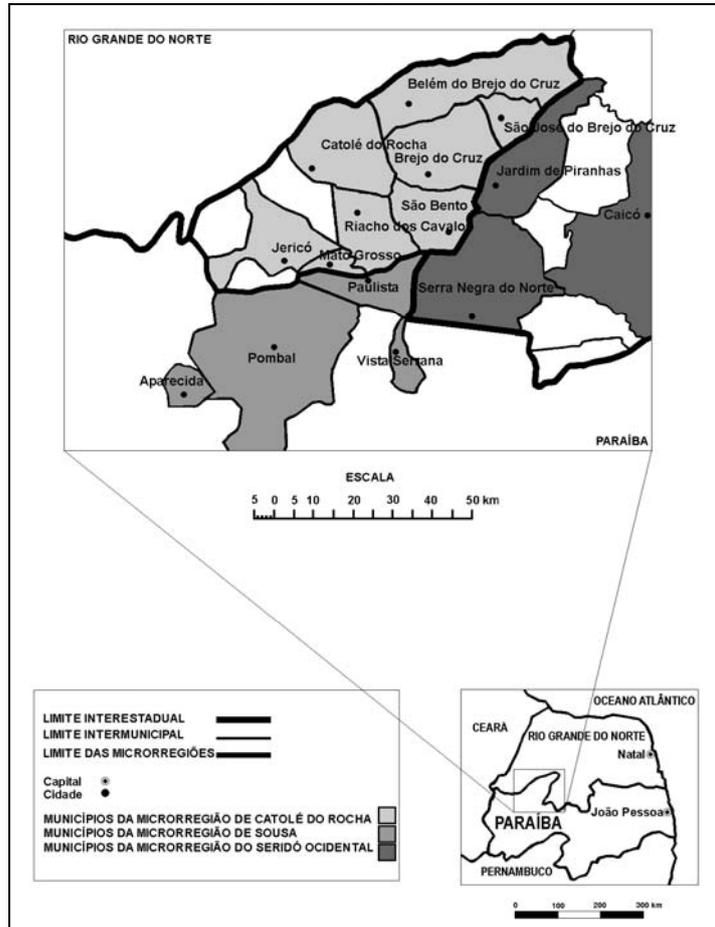
⁷ O circuito de fluxos superior secundário, na terminologia de Santos (1979), corresponderia ao circuito superior marginal, e é formado por empresas de grande porte que atuam no mercado nacional e/ou internacional.

MAPA 01 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Pesquisa de campo; Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 02 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



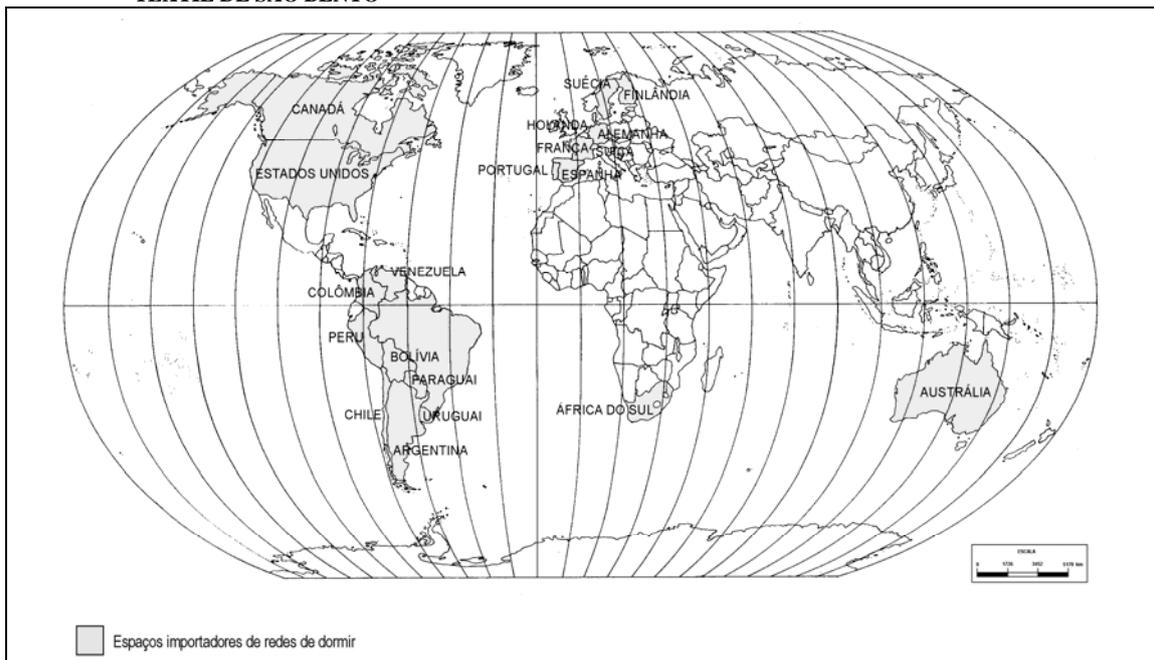
Fonte: IBGE (1970); Pesquisa de campo; Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 03 – ESPAÇOS E EMPRESAS QUE FORMAM O CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO-PB E SEUS PONTOS EMISSORES E RECEPTORES DE FLUXOS



Fonte: IBGE. [200-]; Pesquisa de campo.
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 04 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: Brollo e Lucci (1994, vol. 3, p. 73); Carneiro (2001); Indústria (2000); Pesquisa de campo; [Pontes] (2000); Redes Santa Luzia (c2002b); Souza (2005, p. E-6).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Cada circuito sócio-espacial de São Bento teve sua origem e dinâmica vinculada às formas-conteúdos que assumiram o seu meio técnico, no espaço e no tempo, em função dos acontecimentos homólogo, complementar e hierárquico (SANTOS, 1999) e pela dialética concreta entre o mundo da vida, partilhado intersubjetivamente, e o mundo sistêmico do mercado e do Estado (HABERMAS, 2003).

1 OS PERÍODOS TÉCNICOS, OS CIRCUITOS DE FLUXOS E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DE SÃO BENTO

A produção do espaço de São Bento tem como dados explicativos os processos dialéticos passados e presentes de seu meio técnico e dos circuitos de fluxos sociais e espaciais da produção de sua indústria têxtil tendo como parâmetro de fundo o avanço nacional e local dos períodos técnicos, incluindo o científico e o científico-informacional (SANTOS, 1998, 1999, SANTOS; SILVEIRA, 2004)

Estas transformações permitem trabalhar com a noção de período enquanto *pedaço de tempo*, isto é, como um momento de um espaço determinado que contém uma lógica própria proveniente do funcionamento sistêmico de suas variáveis (SANTOS; SILVEIRA, 2004), bem como propor, para o espaço de São Bento, a existência de três períodos espaço-temporal: o *período técnico artesanal*, o *período técnico-científico manufatureiro* e o *período técnico-científico-informacional maquinofatureiro*.

Cada um desses períodos retrata o papel que teve, em dado momento do desenvolvimento da indústria têxtil de São Bento, os circuitos de fluxos na configuração de seus meios técnicos e o papel do espaço, na forma de circuitos espaciais da produção, sobre as atividades ou ações humanas, incluindo aí, principalmente, as ligadas à produção têxtil local.

Tais momentos se expressaram primeiro como *artesanato*, em seguida como *manufatura* e por fim como *maquinofatura*, cujo processo de substituição de uma forma produtiva por outra acarretou negações dialéticas e negações absolutas (LEFEBVRE, 1995) de objetos e ações ou a sua difusão socioterritorial para os municípios adjacentes.

2 O PERÍODO TÉCNICO ARTESANAL, O CIRCUITO DE FLUXOS INFERIOR INFORMAL E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO LOCAL E REGIONAL

No início do *período técnico artesanal*, que se inicia a partir de 1850, o espaço de São Bento pode ser local por seus objetos e ações têxteis, posto a produção artesanal em todos os seus momentos se limitarem exclusivamente ao seu interior⁸. É nestes limites e nestas condições que surge o circuito de fluxos inferior informal do artesanato têxtil local amparado em relações de trabalho unicamente familiares.

Os sistemas de objetos e de ações técnicos possibilitaram ao circuito de fluxos inferior informal de São Bento se expandir e complexificar, originar e manter complementaridades, primeiramente, com territórios próximos, cujas feiras livres⁹ foram cruciais para este processo e, secundariamente, com territórios distantes, configurando um circuito espacial da produção regional (MAPA 05), já no final do período, de 1950 a 1960.

⁸ Assim, tem-se que anteriormente à tecelagem davam-se os processos manuais familiares de plantação, colheita, descaroçamento do algodão e a fiação de cordões e fios e posteriormente as atividades de acabamento do tecido em rede bem como o seu consumo local. Andrade (1987, p. 118) descreve semelhante processo de fabricação com relação à Bahia afirmando que “[...] nas áreas mais ocidentais, casos há em que a atividade artesanal é feita visando à produção de mantas e de tecidos, cabendo ao empresário e a seus empregados realizar a cultura do algodão, a colheita, o descaroçamento, a fiação e a tecelagem”.

⁹ Destaca-se, neste caso, as feiras livres de Brejo do Cruz, município cujo São Bento se ligava político-administrativamente, bem como as de Catolé do Rocha e Pombal, na Paraíba, e a de Caicó, no Rio grande do Norte.

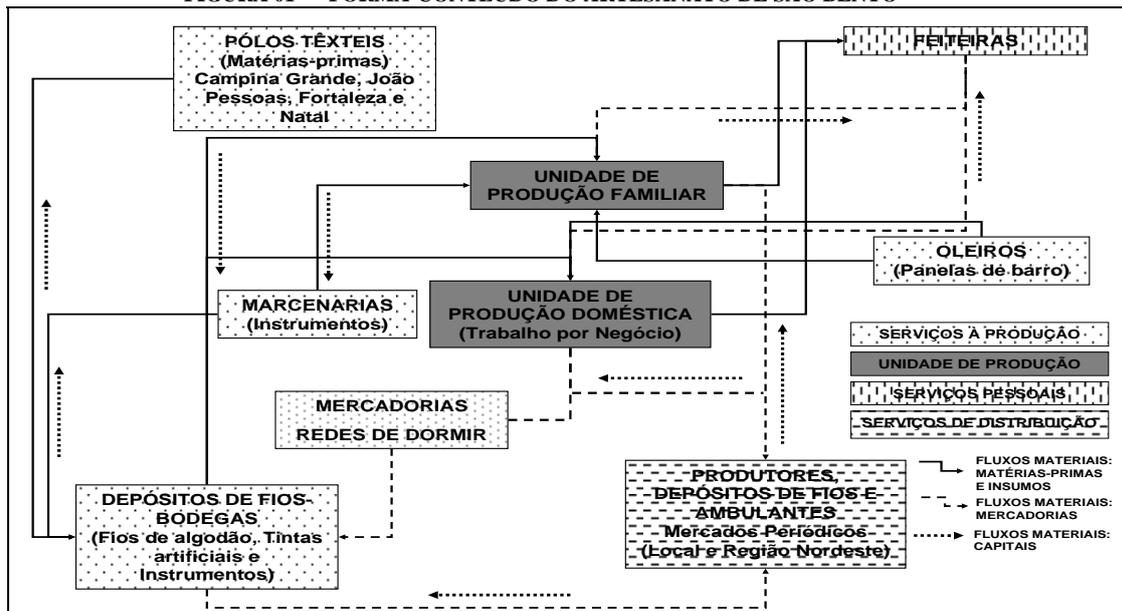
MAPA 05 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DO ARTESANATO DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE [200-]; Rocha (1983).
Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Esta complexificação aparece, sobretudo, a partir de 1930, quando os fios industrializados e os teares horizontais são introduzidos na produção. Através desses objetos os comerciantes de fios passaram a subordinar a produção familiar através da relação de trabalho por negócio, mediante a qual os primeiros forneciam matérias-primas e instrumentos aos segundos, ficando estes obrigados a entregar-lhes uma quantidade determinada de redes de dormir (Cf. ROCHA, 1983) (FIGURA 01).

FIGURA 01 – FORMA-CONTÉUDO DO ARTESANATO DE SÃO BENTO



Fonte: Pesquisa de campo; Rocha (1983). Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

Essas inovações trouxeram consigo o germe das divisões do trabalho social da

indústria têxtil de São Bento, incluindo a simples, técnica, produtiva e territorial (CARNEIRO, 2006), contribuindo para a re-configuração de seu espaço, que passa de local para regional, a partir da década de 1930 e 1950 principalmente, e a complexificação de seu meio técnico.

A divisão simples, técnica e da produção fez ampliar o número e a tipologia de atividades e agentes sociais que compunham o circuito de fluxos inferior informal do artesanato local com a presença de prestadores de serviços à produção¹⁰ a exemplo dos oleiros, marceneiros, comerciantes de matérias-primas e insumos (fios, espulas e pentes para teares), de circulação, de distribuição e pessoais voltados para a colocação dos cordões ou punhos e varandas das redes de dormir.

Estes eventos, aliados a outros (Cf. CARNEIRO, 2006), criaram as condições para a implantação da manufatura de redes de dormir em São Bento, na década de 1960¹¹, e com ela a emergência de seu *período técnico-científico manufatureiro* e, paralelamente, a produção do seu meio técnico-científico.

3 O PERÍODO TÉCNICO-CIENTÍFICO MANUFACTUREIRO, OS CIRCUITOS DE FLUXOS E OS CIRCUITOS ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DE SÃO BENTO

A manufatura, juntamente com a emancipação política de São Bento em 1959, são elementos representativos da constituição do circuito de fluxos inferior formal e do circuito superior secundário da indústria têxtil local. Com estes circuitos de fluxos o seu circuito espacial da produção regional ganha uma nova forma (MAPA 06. Comparar com MAPA 05) e conteúdo e o circuito espacial da produção nacional se constitui, na década de 1970.

O crescimento das manufaturas e sua difusão espacial em São Bento foram acompanhados pelo abandono local de muitas das técnicas do período técnico artesanal. Estas foram sendo difundidas pelos demais espaços do seu circuito espacial da produção regional, dentre os quais cabe destaque para Brejo do Cruz e Paulista, na Paraíba, e Jardim de Piranhas, no Rio Grande do Norte, os quais passaram a subordinar-se, de alguma forma, a São Bento.

O circuito espacial da produção local (MAPA 07) e regional resultou inicialmente das ações da Tecelagem São José, que produzia em grande escala, levando-a a buscar mão-de-obra para acabamento de suas mercadorias em outros municípios. Estes passaram, dessa forma, a ter uma função, dentro da divisão territorial do trabalho, criada pelas atividades dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, de fornecedores de serviços pessoais.

Só posteriormente, com o surgimento e crescimento de novas manufaturas do circuito inferior formal, especialmente as de porte médio, os circuitos espaciais da produção local e regional passaram, também, a serem produzidos e organizados em função de seus interesses e de suas ações.

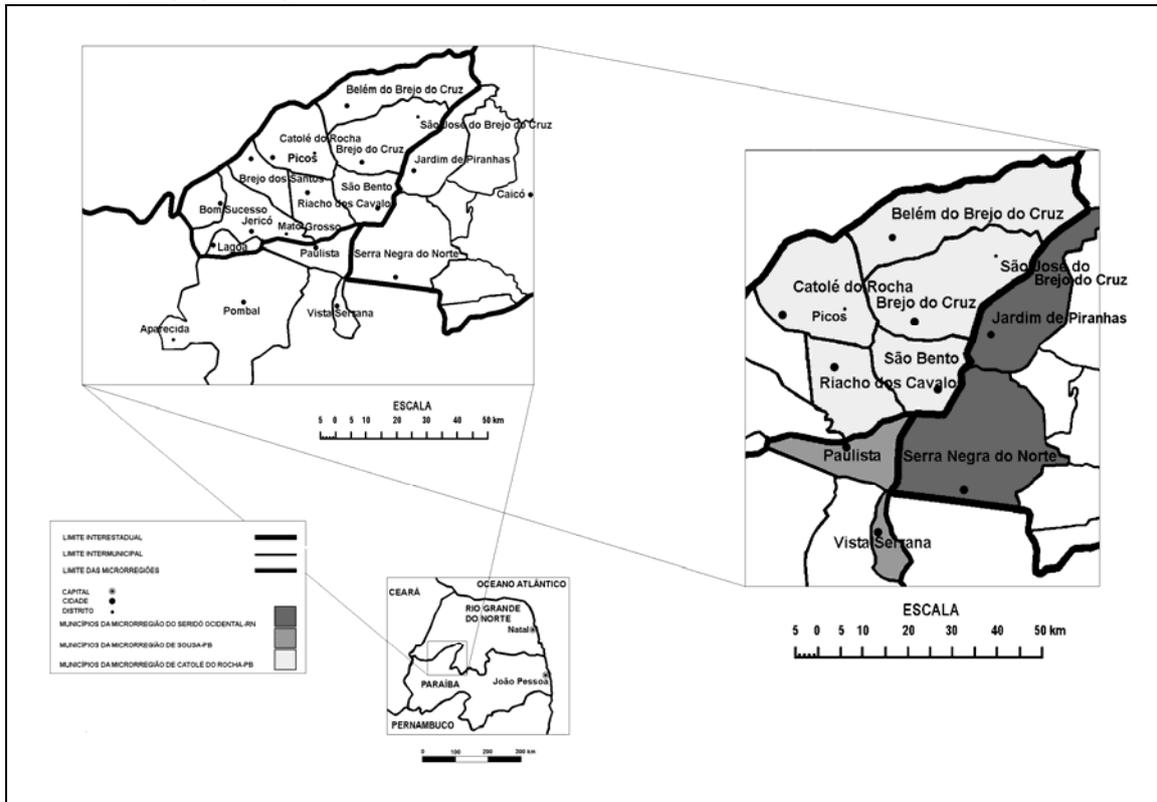
Na década de 1970 existia um número elevado de manufaturas em São Bento, em torno de 400 (Cf. ROCHA, 1983), o que fez desenvolver em torno de si inúmeras atividades tanto do circuito inferior informal e do circuito inferior formal quanto do circuito superior secundário e do circuito superior hegemônico nacional – especialmente bancos e serviços

¹⁰ Opta-se aqui pela classificação dos serviços que Castells (2005), baseado em Singelmann, faz ao dividi-los em serviços à produção, serviços de distribuição, serviços pessoais e serviços sociais. Os serviços de distribuição poderiam ser divididos ainda em serviços de circulação e serviços de distribuição propriamente dita, uma vez que não há distribuição sem circulação.

¹¹ A primeira manufatura local, instalada em 1961 ou 1962, recebeu o nome de *Tecelagem São José*. Era uma filial cuja matriz se localizava em Mossoró, no Rio Grande do Norte (INFORMAÇÃO VERBAL). Conforme os relatos de Cascudo (2003, p. 129) na segunda metade da década de 1950 havia em Mossoró apenas 4 fábricas de redes de dormir.

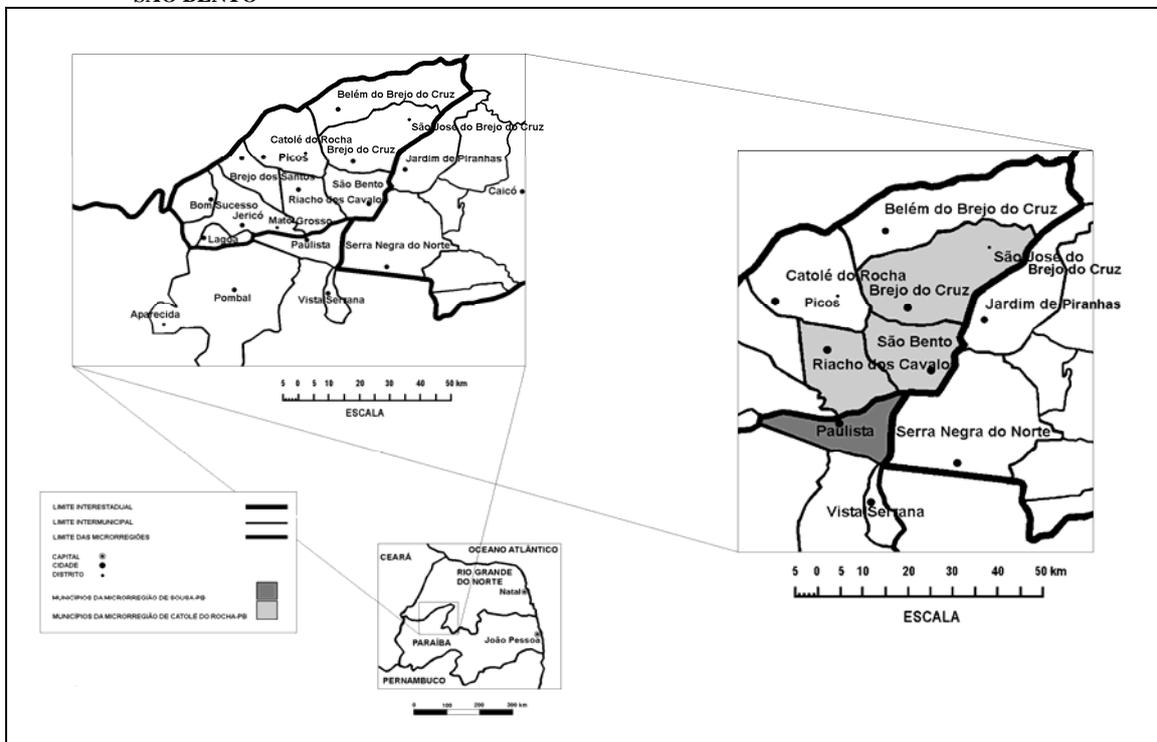
de comunicação - prestadoras de serviços à produção e distribuição.

MAPA 06 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO REGIONAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Rocha (1983); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991). Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 07 – ESPAÇOS FORMADORES DO CIRCUITO ESPACIAL DA PRODUÇÃO LOCAL DA MANUFATURA DE SÃO BENTO



Fonte: IBGE (1970); Simielli (2002, p. 41); SUDENE (1991). Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

Esta década pode ser vista como um momento central das interações entre a produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento, uma vez que

foi durante a mesma já que se intensificou a mecanização desta indústria e do seu território, cujo ponto de origem se encontra na primeira metade da década de 1960, com a aquisição de máquinas novas em São Paulo.

O circuito espacial da produção nacional da indústria têxtil de São Bento teve sua constituição favorecida por este evento, mas principalmente à sistematização do sistema de circulação baseada no transporte de mercadorias em veículos motorizados, feita pelos redeiros, e a distribuição das redes de dormir diretamente aos consumidores finais realizada pelos corretores ou agentes sociais que para aqueles trabalham informalmente.

O sistema de distribuição de mercadoria não se limitava, no período técnico-científico manufatureiro, aos redeiros e corretores, pois envolviam ainda a realizada pelas próprias empresas que possuíam caminhões e as chamadas lojas da fábrica, além da exercida na feira da pedra ou de redes e a abertura de depósitos e lojas de redes de dormir em outros estados, particularmente no Norte do país.

Esses eventos forçaram a inclusão do espaço e dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento ao acontecer complementar e hierárquico nacional, cujos símbolos são a instalação em seu território de agências bancárias pública e privada, companhias de telefonia – TELPA – e energia elétrica – SAELPA – e de órgãos governamentais como a COLETORIA ESTADUAL, voltada para a fiscalização e normatização da economia.

Foi em função do avanço das manufaturas e das maquinofaturas que delas surgiam que também se desenvolveu, em São Bento, vários serviços à produção expressos nos fornecedores de máquinas e equipamentos usados adquiridos principalmente em Americana, São Paulo, como também empresas dedicadas ao fornecimento de peças e acessórios novos.

Concomitantemente a estas atividades foram surgindo pequenas empresas informais responsáveis pelo conserto desses teares e outros objetos mecânicos empregados na indústria têxtil de São Bento e existentes em seu circuito espacial da produção local e regional.

Particularmente importante para a mecanização da produção têxtil de São Bento foi a intensificação das interações dos depósitos de fios locais com as fiações e tecelagens do circuito superior hegemônico e não-hegemônicos do Nordeste e a implantação das prensas, inicialmente ligada a prensagem e enfardamento de redes e posteriormente à prestação de serviços de fretes, o que fez aumentar a capacidade de circulação e distribuição dos produtos locais no mercado nacional.

Os objetos e ações técnicas dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento no período técnico-científico manufatureiro contribuíram para o crescimento do seu meio técnico-científico, ou melhor, do seu espaço, agora entendido como espaço nacional, pois a sua produção e reprodução socioterritorial apenas é compreensível, a partir de então, com uma abordagem nesta escala de análise e de relações.

A partir dessa condição nacional do espaço local o espaço produtivo de São Bento passou a concentrar-se em seus circuitos espaciais da produção local e regional, por meio das horizontalidades, enquanto os espaços de circulação, distribuição e consumo espalharam-se pelo território brasileiro, guiado pelas complementaridades e verticalidades.

O meio técnico-científico manufatureiro, o circuito espacial da produção regional e o circuito espacial da produção nacional e a ampliação do circuito de fluxos inferior formal e do circuito superior secundário, todos amparados no acontecer homólogo, complementar e hierárquico criaram as condições para a emergência do período e do meio técnico-científico-informacional maquinofatureiro de São Bento.

3 O PERÍODO E O MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL MAQUINOFATUREIRO, OS CIRCUITOS DE FLUXOS E OS CIRCUITOS

ESPACIAIS DA PRODUÇÃO DE SÃO BENTO

O período técnico-científico-informacional maquinofatureiro representa a etapa histórica e territorial da indústria têxtil e do espaço de São Bento em que as maquinofaturas (GRÁFICO 01) ou a produção maquinizada tornaram-se os agentes centrais da produção espacial local, como também referencia o momento histórico vivido globalmente chamado de período técnico-científico-informacional e que juntos conformam uma nova forma-contéudo para a esta indústria (FIGURA 02).

Os elementos caracterizadores básicos desse período e desse meio técnico-científico-informacional de São Bento são a produção mecanizada, a internacionalização de sua indústria têxtil, com a correspondente formação do seu circuito espacial da produção internacional e a presença territorial significativa, ainda que incompleta, da ciência e da informação.

A produção têxtil de São Bento apresenta-se mecanizada, ao menos na produção direta e na circulação e distribuição nacional, desde a metade da década de 1990 (Cf. CARNEIRO, 2001), ainda que existam alguns objetos técnicos-artesanais, particularmente nas atividades do circuito inferior informal, como também na parte final do processo técnico, isto é, na fase de acabamento.

Mesmo nesta fase final da produção direta cuja utilização de mão-de-obra é intensiva já se observam movimentos que buscam impor uma outra lógica organizativa a atividade, como a adoção das máquinas de fazer varandas, franjas e fitas que produzem em larga escala frente a produção atomizadas das famílias e pessoas em geral que se ligam a ela.

Cabe ressaltar que no período técnico-científico manufatureiro de São Bento, quando a mecanização produtiva se intensifica, especialmente na década de 1980, em função da conquista dos mercados consumidores do Centro-Sul, a produção manufatureira, em um primeiro momento, e maquinofatureira, em um segundo, com seus objetos e ações se difundem em vários municípios do circuito espacial da produção regional de sua indústria têxtil.

Como bem assinala Alencar Júnior (2002, p. 62) “a produção de redes de São Bento já cresceu tanto que se espalha por outros municípios”. Neste contexto se destacam atualmente as cidades de Jardim de Piranhas, com uma elevada concentração de fabricas, entre 100 e 200 aproximadamente e Brejo do Cruz, entre 40 e 50 (PESQUISA DE CAMPO).

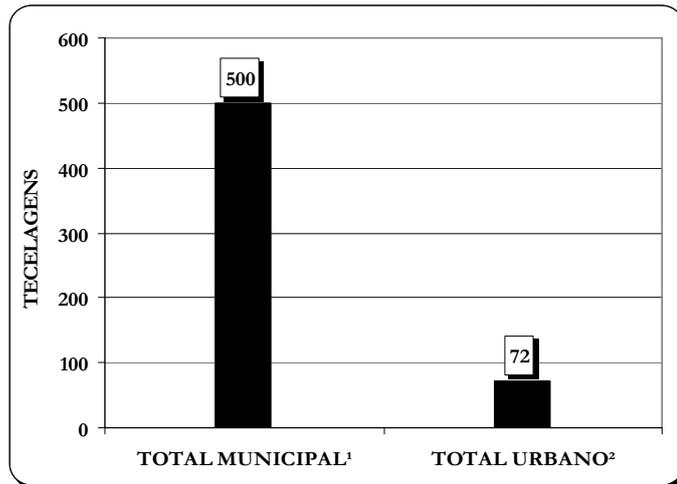
A mecanização de São Bento é causa e conseqüência da internacionalização de sua produção têxtil, iniciada em finais da década de 1990, ampliada após o ano 2000 e que busca uma nova expansão agora com o apoio estatal e suas agências de desenvolvimento, a exemplo do SEBRAE, por meio da criação do arranjo produtivo local de redes de dormir e a formação do Consórcio São Bento de exportação em 2001.

A formação do circuito espacial da produção internacional da indústria têxtil de São Bento é representativa da *colonização do mundo da vida* (HABERMAS, 2003), da formação socioespacial (SANTOS, 2002) local, pelo mundo sistêmico, o qual se revela pela imposição a seus agentes e atores sociais, bem como ao território, das normas contemporâneas do mercado e do Estado, expressas em ordens, comportamentos competitivos, modos de fazer e de ser (DURKHEIMER, 2003).

Estas normas se fizeram presentes já no período técnico-científico manufatureiro, a exemplo da competição e da inovação técnica, da conquista de mercados consumidores mais amplos e distantes bem como da creditização e financeirização da produção, da formalização das relações de trabalho, da fiscalização, da cobrança de impostos e tributos, dentre outros.

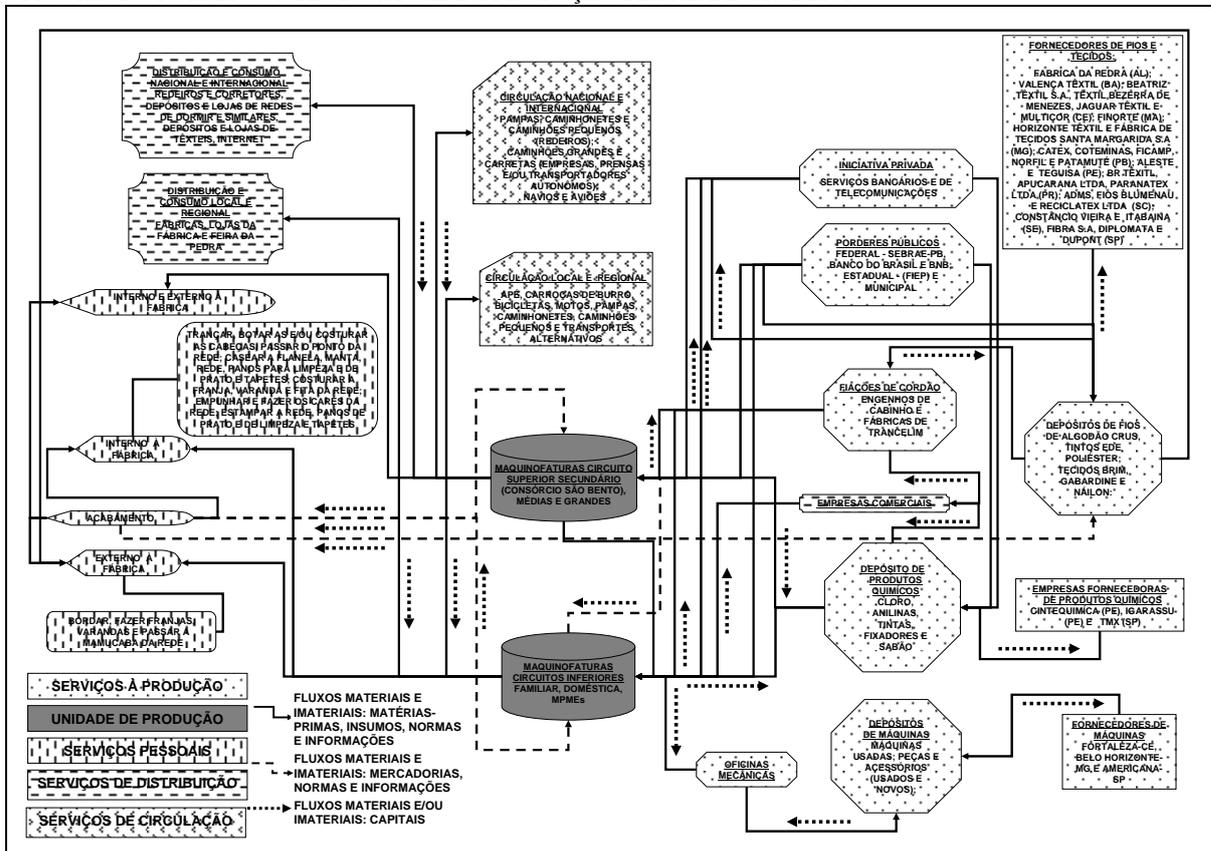
GRÁFICO 01 – SÃO BENTO-PB: MICRO, PEQUENAS,

MEDAS E GRANDES TECELAGENS



Fonte: ¹ Pesquisa de campo; ² Prefeitura Municipal de São Bento (2005).
Elaboração: Rosalvo Nobre Carneiro.

FIGURA 02 – FORMA-CONTÉUDO ATUAL DA PRODUÇÃO TÊXTIL DE SÃO BENTO



Fonte: Pesquisa de Campo.

As complementaridades desenvolvidas entre as atividades do circuito superior secundário da indústria têxtil de São Bento e as do circuito superior hegemônico e do não-hegemônico, como fiações, tecelagens e empresas de produtos químicos lhe proporcionaram uma concentração espacial no fornecimento de serviços à produção, bem como circulação e distribuição às empresas fabricantes de têxteis localizadas neste circuito espacial. Apenas os serviços individuais, necessários ao acabamento das mercadorias foram desconcentradas.

Através do fornecimento de serviços pessoais, por parte dos municípios que

formam o circuito espacial da produção regional da indústria têxtil de São Bento, para as atividades dos seus circuitos de fluxos estas complementaridades geraram verticalidades locais que foram impostas a estes territórios e que são frutos desta concentração produtiva e de mando em São Bento.

O espaço de São Bento configurou-se, por tudo isto, como o maior fabricante nacional de redes de dormir, com uma produção média mensal de 600 mil peças, segundo Alencar; Júnior (2002, p. 62), ou de mais de 1 milhão de peças conforme Haddad (2004), situando-se muito além da média de outros importantes espaços produtores desse artigo. Tacaratu-PE, por exemplo, fabrica apenas 200 mil (TACARATU, [2003]) e Jaguaruana-CE 160 mil (SEBRAE apud RIBEIRO NETO; GONDIM, 2005, p. 11).

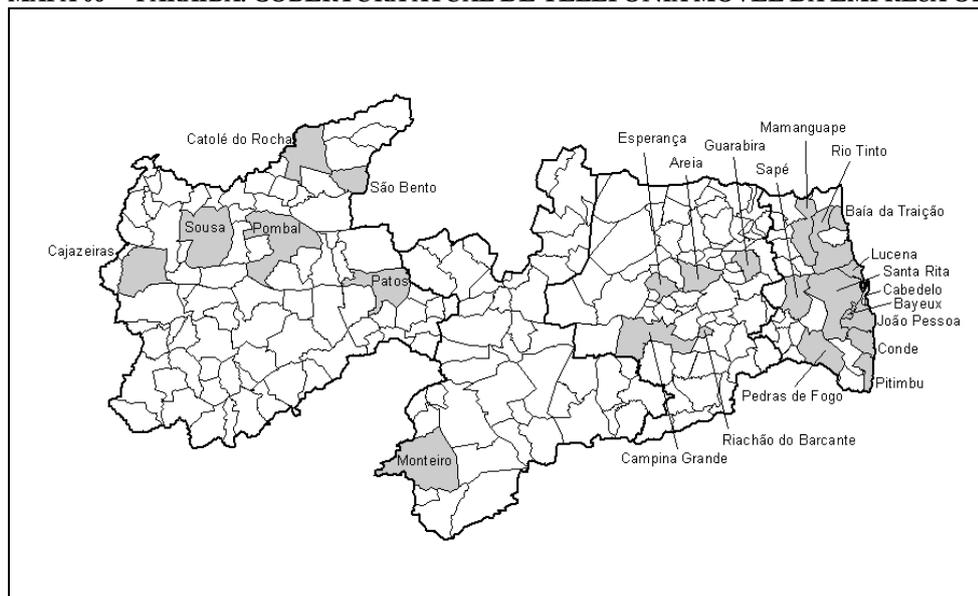
Esta situação é causa e condição da formação do meio técnico-científico-informacional incompleto de São Bento cuja presença no contexto do seu circuito espacial da produção regional e paraibano é significativa, especialmente quanto aos meios de telecomunicação (MAPAS 06 e 07).

É possível ver que as áreas de *teledensidade* (DORES; CASTRO; MARTINS; SIMAS; FONTES, 2001, p. 23) maior estão no Litoral do estado e em alguns pontos do Sertão, destacando-se na área do circuito espacial da produção regional da indústria têxtil São Bento a sua presença apenas em Catolé do Rocha, São Bento e Pombal que são as principais cidades dessa região, econômica e politicamente. O mesmo se dá com a telefonia fixa.

A informatização da sociedade e do território de São Bento se faz presente, por sua vez, na presença e uso cada vez maior de computadores, nas torres de recepção de sinais de telefonia móvel, nas lojas de produtos de informática e Local Área Network, que funcionam pela interconexão de terminais de computadores onde os microcomputadores são responsáveis pela organização dos fluxos de informações (PIRES; PICCININI, [1998], p. 9).

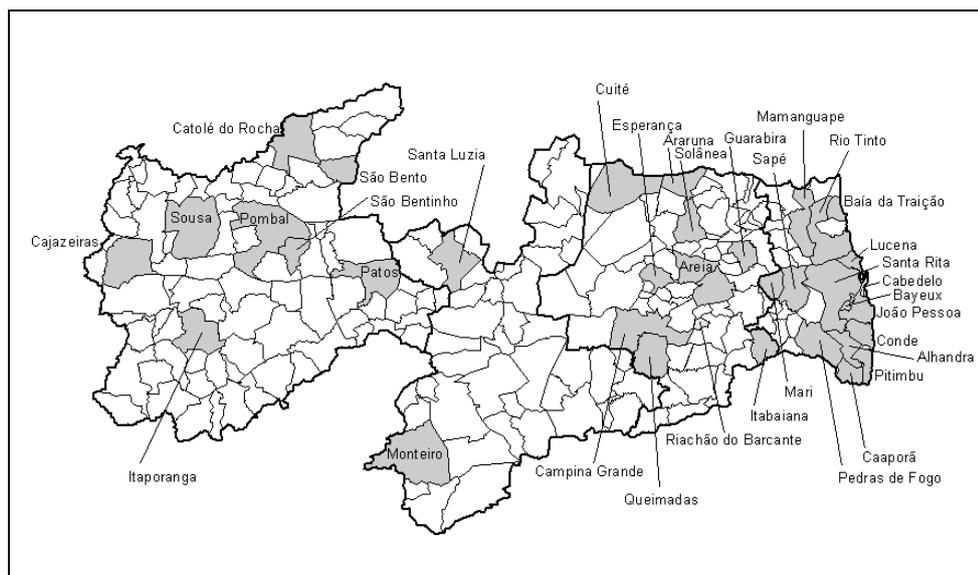
O espaço de São Bento, como se tentou mostrar, não é aquele restrito aos seus limites político-administrativo, mas um território dinâmico, um misto de materialidade, ação e interação que em cada período de tempo adquiriu novas formas e renovados conteúdos, fruto das horizontalidades, complementaridades e verticalidades criadas e recriadas na escala local, da nação e do mundo.

MAPA 06 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA OI



Fonte: IBGE (2001); OI (2005, p. 35). Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

MAPA 07 – PARAÍBA: COBERTURA ATUAL DE TELEFONIA MÓVEL DA EMPRESA TIM



Fonte: IBGE (2001); TIM (2005). Desenho: Rosalvo Nobre Carneiro.

CONCLUSÃO

Procurou-se, a partir da descrição, análise e síntese de uma realidade singular e particular, a formação socioespacial de São Bento, a compreensão e a explicação das interações espaço-temporal entre a produção de seu espaço e de/seus circuitos de fluxos, que conduziram à configuração do seu meio técnico-científico-informacional, ainda que incompleto, no contexto de estruturação do período tecnológico no mundo e no Brasil em particular.

Neste percurso da produção do espaço local a colonização do mundo da vida têxtil de São Bento pelo sistema político e comercial não foi, até o momento, total já que não houve uma subordinação completa dos agentes sociais locais aos mandamentos da racionalidade instrumental dominante, pela incapacidade de parcelas significativas deles terem acesso aos elementos da modernidade atual, permanecendo suas ações apoiadas na racionalidade comunicativa¹².

Todavia, a produção do espaço e dos circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento e suas interações revelam que em função da dialética entre as verticalidades e as horizontalidades, mediadas pelas complementaridades, que configuram este espaço e sua região produtiva as *atividades orientadas para um fim* se impuseram localmente de forma mais densa frente às *ações orientadas para o entendimento*¹³.

Esta situação não foi acompanhada, no entanto, por um processo de integração socioterritorial, isto é, o crescimento industrial e espacial local não se deu com um concomitante desenvolvimento socioespacial, posto que a inserção da grande parcela de sua população às atividades têxteis não representaram melhorias efetivas em suas condições humanas.

¹² Segundo Habermas (2002, p. 30) a razão comunicativa ou destrancendentalizada se origina de três pressupostos pragmático-formais do agir comunicativo, no qual estão inclusos “a suposição comum a respeito de um mundo objetivo, a racionalidade que os sujeitos agentes supõem reciprocamente e a validade incondicional que exigem para suas afirmações nos atos de fala [...]”. Esta razão se liga, portanto, à própria estrutura da linguagem enquanto uma forma de comunicação, que vai além da relação entre expressões simbólicas e objetos de referência, incluindo as relações entre sujeitos racionais, linguagem e mundo (ARAÚJO In: HABERMAS, 2002, p. 16).

¹³ As atividades orientadas para um fim são aquelas por meio das qual um ator ao intervir no mundo busca realizar os fins propostos e emprega para tanto meios que sejam adequados a sua ação ao passo que as ações orientadas para o entendimento são aquelas que lançam mão do *falar*, isto é, dos *atos de fala*, expressos em ordens, confissões, constatações bem como todo tipo de proferimentos lingüísticos que possam auxiliar em uma situação de agir comunicativo a duas ou mais pessoas chegarem a um entendimento sobre algo (HABERMAS, 1990, p. 65).

REFERÊNCIAS

- ALENCAR JÚNIOR, José Sydrião de. *Perfil econômico da Paraíba*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2002. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/.../ETENE/Rede_Irigacao/Docs/Perfil%20Economico%20do%20Estado%20da%20Paraiba-2002.PDF>. Acesso em: 01 out. 2005.
- ANDRADE, Manuel Correia de. *Geografia econômica do Nordeste: o espaço e a economia nordestina*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- ARAÚJO, Lucia. Apresentação In: HABERMAS, Jürgen. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. p. 7-24. (Brasil, 4).
- BROLLO, José Carlos; LUCCI, Elian Alabi. [Mundo mudo] In: _____. *Caderno de mapas: espaço americano*. São Paulo: Saraiva, 1994. v. 3. [Escala 1: 172 600 000].
- CARNEIRO, Rosalvo Nobre. *A indústria têxtil em São Bento – PB: da manufatura à maquinafatura*. 2001. 58 f. Monografia (Graduação em Geografia). – Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande.
- _____. *Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB: do meio técnico ao meio técnico-científico-informacional*. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. (em fase de conclusão).
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. 2. ed. São Paulo: Global, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- DORES, Adely Maria Branquinho das; CASTRO, José Carlos de; MARTINS, Ana Raquel Paiva; SIMAS, Jeanne Antunes; FONTES, Sérgio. *Operadoras de telefonia móvel no Brasil*. [Brasília]: BNDES, jul. 2001. (Cadernos de infra-estrutura, 19). Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/cadernos/cad_19.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2005.
- DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução de: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção a obra prima de cada autor, 63).
- HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos*. Tradução de: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. (Biblioteca tempo universitário, 90; Série estudos alemães).
- _____. *Agir comunicativo e razão destranscendentalizada*. Tradução de: Lucia Aragão. Revisão: Daniel Camarinha da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002. (Coleção Brasil, 4).
- _____. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003a. Vol. I.
- _____. *Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social*. 4. ed. Madrid: Taurus, 2003b. Vol. II.
- HADDAD, Paulo R. APL – São Bento: cultura local e associativismo. [S.l.], 2004b. 9 p. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/seminario/apl22.pdf>>. Acesso em: 05 jul. 2005.
- INDÚSTRIA conquista o mercado externo via site na rede mundial. *Tribuna do Norte*, [Natal], 08 out. 2000. Economia. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/anteriores/001008/econom/eco10.html>>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Divisão municipal: microrregiões homogêneas*. Paraíba. 1970. Escala 1: 5 000 000.
- _____. Divisão político-administrativa. [Rio de Janeiro], [200-]. Imagem JPG. Escala: 1: 22.000.000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- _____. *Paraíba: mesorregiões, microrregiões e municípios*. [Rio de Janeiro], 2001. Sem escala. Mudo. Imagem BMP. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/website/divisao/>>

viewer.htm>. Acesso em: 09 ago. 2005.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal, lógica dialética*. Traduzido por: Carlos Nelson Coutinho. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

OI. OI Bazar. 2005. n. 10, 47 p.

PIRES, José Cláudio Linhares; PICCININI, Maurício Serrão. *Serviços de telecomunicações: aspectos tecnológicos*. [Brasília]: BNDES, [1997]. (Ensaio BNDES). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/ensaio/ensaio5.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2005.

[PONTES, Aloísio]. E-commerce coloca as redes da Santa Luzia no mercado internacional. *Gazeta do Nordeste*, [Natal], 14 set. 2000. Disponível em: <<http://www.sudene.gov.br/antecedentes/403/economia.html>>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BENTO. [Alvarás a renovar até 08/10/2005]. 2005. 3 p.

REDES SANTA LUZIA. Distribuidores. São Bento, c2002b. Disponível em: <<http://www.santaluziahammocks.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

RIBEIRO NETO, Antonio Batista; GONDIM, Marcos Venicius de Albuquerque et. al. Projeto Teares: APL redes de dormir de Jaguaruana/CE. 2005. 115 f. Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2005.

ROCHA, José Bolívar Vieira da. *São Bento: estudo sobre a manufatura de redes-de-dormir*. João Pessoa: CGS, 1983.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979. (Ciências sociais).

_____. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985. (Espaços).

_____. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 2002. (Milton Santos, 2).

_____; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SIMIELLI, Maria Elena. *Atlas geográfico escolar*. 33. ed. São Paulo: Ática, 2002. 1 Atlas. Escalas variam.

SOUZA, Fernanda. Em São Bento, desemprego é zero: município importa mão-de-obra de outros estados para trabalhar na fabricação de redes. *Correio da Paraíba*, Caderno Economia, Ano LII, n.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE. *Municípios, micros e mesorregiões*. Rio Grande do Norte. 1991. Escala 1: 1 000 000.

TACARATU lidera produção de redes no Nordeste. [*Jornal de Pernambuco*], [Recife], [mai/jun.] [2003]. Disponível em: <http://www.pe.gov.br/jornal_de_pernambuco/maio_junho_2003/pernambuco_em_destaque.htm>. Acesso em: 22 out. 2005.

TIM. Cobertura – área 10. [S.l.], ago. 2005.